

**PROFESSORES QUE EDUCAM A GERAÇÃO Z****TEACHERS WHO EDUCATE GENERATION Z****PROFESORES QUE EDUCAN A LA GENERACIÓN Z**

**Manoel Ronaldo da Silva Camillo<sup>1</sup>**  
**Maria Irinilda da Silva Bezerra<sup>2</sup>**  
**Maria Dolores de Oliveira Soares Pinto<sup>3</sup>**

**RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo mostrar alguns desafios na prática pedagógica dos professores que educam a Geração Z<sup>4</sup>. Esses professores desenvolvem seu trabalho no contexto da cultura digital, frente a uma geração nativa digital. Essa realidade é desafiante para o professor, que precisa se adaptar à realidade dos alunos para desenvolver seu trabalho. O estudo tem como objeto de pesquisa os desafios do professor que educa os nativos digitais<sup>5</sup> no ensino médio. Para isto, busca aporte teórico na abordagem de Maturana (2002), Hall (2006), Emmanuel (2020), dentre outros. Tem como metodologia a abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. A análise de dados se dá por meio de leituras analíticas e interpretativas. Os resultados mostram que, em alguns casos, o professor enfrenta dificuldades com alunos a frente do seu tempo, além disso, a escola e os cursos de formação não se prepararam adequadamente para o letramento digital. A identidade do professor muda para acompanhar a nova demanda da Geração Z. Ele adapta-se como um “camaleão”, se apropriando de saberes e culturas que a globalização e o letramento digital lhe proporcionam.

**Palavras-chave:** Cultura digital. Desafios do professor. Nativos digitais. Geração Z.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPEHL), Universidade Federal do Acre (UFAC). Técnico em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Acre – IFAC – Campus Cruzeiro do Sul, licenciado em Pedagogia pela (UFAC). E-mail: [manoel.camillo@ufac.br](mailto:manoel.camillo@ufac.br); <http://lattes.cnpq.br/4448567732785383>;

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora Adjunta da Universidade Federal do Acre. Professora do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagem (PPEHL) – UFAC. Grupo de Pesquisa Investigação Docente e Diversidade (GRIDD). E-mail: [iribezerra@gmail.com](mailto:iribezerra@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Associada da Universidade Federal do Acre. Professora do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagem (PPEHL) – UFAC. Grupo de Pesquisa Investigação Docente e Diversidade (GRIDD). E-mail: [dolorespinto@gmail.com](mailto:dolorespinto@gmail.com)

<sup>4</sup> Indivíduos nascidos entre 1995 e 2010 (EMMANUEL, 2020).

<sup>5</sup> Indivíduos que já nasceram em meio aos aparatos das tecnologias digitais e da cultura digital (EMMANUEL, 2020).

**ABSTRACT**

This work aims to show some challenges in the pedagogical practice of teachers who educate Generation Z. These teachers develop their work in the context of digital culture, facing a native digital generation. This reality is challenging for the teacher, who needs to adapt to the reality of students to develop their work. The study aims to research the challenges of the teacher who educates digital natives in high school. For this, it seeks theoretical support in the approach of Maturana (2002), Hall (2006), Emmanuel (2020), among others. Its methodology is the qualitative approach, developed through a literature review. Data analysis takes place through analytical and interpretive readings. The results show that, in some cases, the teacher faces difficulties with students ahead of their time, in addition, the school and training courses have not adequately prepared for digital literacy. The identity of the teacher changes to keep up with the new demand of Generation Z. It adapts as a "chameleon", appropriating the knowledge and cultures that globalization and digital literacy provide him.

**Keywords:** Digital Culture. Teacher Challenges. Digital Natives. Generation Z.

**1- INTRODUÇÃO**

O século XXI é sem dúvida, marcado pelo domínio tecnológico. A geração atual cresceu vendo o surgimento dos computadores, a popularização da internet e o aparecimento dos modernos smartphones que hoje parecem ter se tornado extensão da vida das pessoas. Para muitos jovens, é difícil passar um final de semana sem ter acesso à internet. Eles tornam-se ansiosos para se conectarem a outras pessoas e consomem um volume enorme de informações e conteúdos de diversas áreas. Isso era algo difícil de imaginar antes da popularização da internet, tendo em vista que, até a década de 80, o volume de informações e conteúdos consumidos pelos jovens era baseado nos impressos, TV e Rádio. Na pós-modernidade, os professores do ensino médio regular, que trabalham diretamente com os alunos considerados nativos digitais, precisam de muita dedicação para acompanhar o nível de letramento digital da Geração Z, o que tem gerado desafios na prática docente.

Emmanuel (2020) destaca que os integrantes da geração Z cresceram em meio aos recursos de tecnologia digital e nunca se viram sem eles. Sempre tiveram um mundo virtual com múltiplas possibilidades de pesquisas. Estes vivenciaram o processo de surgimento das atuais tecnologias modernas, da popularização da internet, dos computadores, das redes sociais, do Youtube, bem como o aparecimento dos modernos telefones celulares, os smartphones. Para a autora, essa situação é diferente para muitos dos professores que possuem entre 25 e 40 anos [Geração Y], pois estes vivenciaram

uma época sem tantos recursos tecnológicos e digitais. Para a autora, o que diferencia a geração Y da geração Z é que “os nascidos após 1995 já nasceram com a tecnologia bastante presente e com isso criaram laços de maior dependência por não terem vivido em um mundo sem essa realidade” (EMMANUEL, 2020, p. 19-20).

O ritmo de consumo de informações e utilização de ferramentas digitais pelos jovens nativos digitais leva muitos professores a um constante desafio de se atualizar para acompanhar os alunos e garantir a continuidade de sua prática educativa, sem deixar de oferecer um ensino atrativo.

Obviamente, existem os professores que mesmo nascidos antes de 1995, se ajustaram perfeitamente ao contexto atual, tendo um comportamento parecido com os dos jovens no que se refere à cultura digital. Contudo, existem aqueles que ao trabalharem com os alunos da Geração Z vivenciam desafios e necessitam de uma adequação criativa para se manterem atuantes na sala de aula.

A adequação do sujeito à realidade em que vive é uma necessidade do indivíduo em qualquer cenário. Caso isto não aconteça, haverá dificuldade em seu trabalho, o que pode levá-lo a enveredar por outros caminhos ou outras profissões. Essa necessidade de adaptação é destacada por Maturana (2002) quando diz que organismo e meio se adaptam mutuamente, um muda o outro de maneira congruente. Essa mudança exige do professor esforço, tempo e força de vontade.

Assim sendo, a própria identidade dos professores vem mudando com o passar do tempo. Em plena era da informação, as pessoas vivem diversos papéis sociais e a maneira de se relacionar com o meio e com os outros sujeitos faz com que sua identidade se fragmente. Por exemplo, o mesmo indivíduo pode exercer o papel de religioso, de profissional, de pai de família, de professor, de sindicalista, de defensor de causas raciais, de homossexual, de hetero etc. Segundo Hall (2006) as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno, antes visto como um sujeito unificado. Nesse sentido, o professor que educa a Geração Z tem sua identidade deslocada, saindo de um contexto mais estável para a nova realidade, cheia de transformações rápidas e constantes, incorporando aspectos da Pós-modernidade.

O trabalho docente frente aos alunos é certamente desafiador e precisa ser compreendido para um melhor aprofundamento dessa temática no campo das ciências humanas.

Diante destas constatações, surge a necessidade de conhecer mais sobre como os professores têm se ajustado à realidade da cibercultura na escola, principalmente diante dos atuais alunos do ensino médio, que majoritariamente, nasceram e cresceram imersos no contexto das tecnologias digitais, com uma infinidade de recursos que diversifica as ferramentas educacionais e fazem destes educandos sujeitos mais proativos no processo de ensino-aprendizagem, como destaca Emmanuel (2020). Assim sendo, é pertinente questionar:

- Quais os principais desafios que os professores estão enfrentando na prática educativa diante dos alunos nativos digitais?
- A identidade do professor tem sofrido transformações ou deslocamentos?
- Como o professor tem se adaptado à realidade do letramento digital dos alunos do ensino médio?

Tomando por base de reflexão o contexto atual de atuação do professor frente aos alunos do ensino médio, em meio à cultura digital, este trabalho tem como objeto de estudo os desafios do professor frente aos alunos nativos digitais. Tem como objetivo mostrar alguns desafios da prática pedagógica dos professores que educam a Geração Z.

Para conhecer mais sobre as transformações que vem ocorrendo na prática educativa e na personalidade do professor diante dos nativos digitais, faz-se necessário conhecer algumas características da Geração Z (EMMANUEL, 2020). É importante também entender sobre o deslocamento de identidade dos sujeitos professores (HALL, 2006), e ainda, saber mais sobre o processo de adaptação à nova realidade, à qual os educadores têm se sujeitado (MARUTANA, 2002).

Tendo, pois, já traçado a problemática, o objeto de estudo e o objetivo acerca do tema em questão, faz-se necessário apresentar os procedimentos metodológicos, os quais se constituem numa abordagem qualitativa por meio de revisão bibliográfica. No que diz respeito à abordagem qualitativa, podemos dizer que:

A utilização desse tipo de abordagem difere da abordagem quantitativa pelo fato de não utilizar dados estatísticos como o centro do processo de análise de um problema, não tendo, portanto, a prioridade de numerar ou medir unidades. Os dados coletados nessas pesquisas são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Quanto à revisão bibliográfica, realizar-se-á por meio da leitura das obras dos autores supracitados, bem como outras que forem necessárias para, a partir daí, proceder

a análise crítica e reflexiva sobre a temática abordada. Em relação à revisão bibliográfica, Prodanov e Freitas, destacam que:

Após a escolha do tema, o pesquisador deve iniciar amplo levantamento das fontes teóricas (relatórios de pesquisa, livros, artigos científicos, monografias, dissertações e teses), com o objetivo de elaborar a contextualização da pesquisa e seu embasamento teórico, o qual fará parte da referencial da pesquisa na forma de uma revisão bibliográfica (ou da literatura), buscando identificar o “estado da arte” ou o alcance dessas fontes (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 131).

Trabalhos desta natureza, que buscam compreender melhor a realidade dos professores do ensino médio frente aos alunos nativos digitais, surgem em um momento oportuno, num cenário em que o uso das tecnologias digitais para o ensino estão em alta, sobretudo em tempos de pandemia causada pela Covid-19. Muitos são os percalços que os professores encontram para desempenhar suas atividades. Espera-se que este trabalho possibilite discutir sobre o trabalho do professor do ensino médio frente à Geração Z, sua identidade, seu processo de alinhamento às novas tecnologias e à realidade que está posta. Certamente os conhecimentos aclarados aqui proporcionarão novos olhares sobre a prática docente, permitindo conhecer caminhos que os professores têm percorrido no século XXI, especialmente no que concerne à sua prática na educação básica no contexto de uma cibercultura ubíqua.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O trabalho docente frente aos nativos digitais

Os alunos nascidos a partir de 1995 cresceram e se desenvolveram no contexto das tecnologias da informação e comunicação e conviveram com a popularização da internet. Os mais velhos desta geração, no ano de 2020, estão com 25 anos. É a Geração Z, e seus integrantes podem também ser denominados Nativos Digitais (EMMANUEL, 2020). Para esta mesma autora, as gerações anteriores eram diferentes, visto que se acostumaram a uma vida mais estável, em que o volume de informações era menor, até mesmo pelo fato de não haver a popularização da internet. Para estas gerações, os recursos para estudos eram mais limitados, se destacavam os meios impressos, televisivos ou radiofônicos, além dos ensinamentos dos professores. Os alunos dessa época não eram tão dinâmicos e “nutridos” de informações e ferramentas da tecnologia digital, o que de certa forma, dava mais tranquilidade para o processo de ensino-

aprendizagem que seguia mais focado no material didático disponibilizado pelo professor e na disciplina dos alunos.

Com os nativos digitais essa dinâmica mudou. Os alunos consomem um volume impressionante de informações, pois têm acesso a conteúdos de maneira instantânea e interagem uns com os outros rapidamente. Nesse contexto do século XXI, o professor da Geração Z - em alguns casos - é um “imigrante digital”, alguém que vivenciou outra realidade educacional e agora precisa saber lidar com alunos que questionam e são proativos dentro e fora da sala de aula. Prensky (2001b, apud SOARES; PETARNELLA, 2012, p. 17) assevera que:

[...] as fronteiras agora são digitais e não mais geográficas e o imigrante digital fala a nova linguagem com “sotaque”. Esse sotaque se manifesta em ações como imprimir e-mails ou páginas da internet para ler mais tarde, ou a simples consulta ao manual. Enquanto um imigrante digital lê e estuda minuciosamente as instruções para usar determinado aparelho ou equipamento, o nativo digital descobre como esse aparelho funciona e aprende a usá-lo enquanto usa.

Ao refletir sobre isso, percebe-se um dos grandes desafios do professor que é lidar com um aluno muitas vezes atuante e informado, que busca o conhecimento por conta própria. Alguns deles não esperam. Buscam, se aventuram e descobrem como funcionam determinados conceitos antes mesmo de o professor explicá-lo.

Considerando o rápido avanço da era da informação, onde bibliotecas e livros estão no ciberespaço formando um gigantesco hipertexto, é notável que este fenômeno muito se diferencie dos demais marcos do saber. Segundo Soares e Petarnella (2012) os marcos do saber passaram por evoluções ao longo da história. Iniciou-se em um primeiro momento quando não havia a escrita e os ensinamentos eram transmitidos de maneira verbal e patriarcal entre as gerações. Em um segundo momento, com a descoberta da escrita, poucos eram os que tinham acesso ao conhecimento da leitura e da escrita. Mais tarde, no terceiro marco, com o surgimento dos impressos, o aparecimento das bibliotecas, da imprensa e do hipertexto, o conhecimento se popularizou. O quarto marco, que se estende aos dias atuais, iniciou com a popularização da internet e do hipertexto no espaço virtual. Para este momento, professores, gestores e sistemas de ensino não conseguiram se preparar adequadamente devido ao seu rápido desenvolvimento. Nessa realidade, o leitor é portador do saber (LEVY, 2000 apud SOARES; PETARNELLA, 2012).

Hodiernamente os alunos incorporaram os recursos tecnológicos as suas vidas. O e-mail é praticamente obrigatório para comunicações e cadastros formais. Na prática é um endereço no ciberespaço. O uso do celular para pesquisar e se informar é notável dentro e fora da sala de aula. Enquanto o professor está pesquisando no livro didático, o aluno pode ter resposta no hipertexto digital disponível no smartphone. Assim, o professor precisa se reinventar, estar “atenado” para acompanhar a realidade dos jovens conectados no ambiente virtual. Estes se conectam e interagem o tempo todo, se aproximando numa complexa rede de relações e informações.

É um desafio para muitos professores que educam a Geração Z, tendo em vista que para a maioria dos jovens desta geração o aparato tecnológico se transformou em uma extensão do próprio corpo, além disso, este recurso é capaz de fornecer uma gama de possibilidades ao portador, como entretenimento, informação e comunicação. Por fim, uma autonomia que gera profunda dependência (EMMANUEL, 2020, p. 13).

A realidade na qual o professor se encontra é bem diferente daquela das décadas de 80 e 90. Os jovens da Geração Z, na grande maioria das vezes, desde o nascimento vivenciam o processo de desenvolvimento tecnológico e, ao chegarem à escola não apresentam relevantes dificuldades no que se refere ao uso dos recursos de tecnologia da informação e comunicação. Contudo, com a rápida emergência do quarto marco do saber, não houve tempo hábil para escolas e professores se prepararem adequadamente e refletirem sobre os impactos causados por estas mudanças (SOARES; PETARNELLA, 2012). A maioria dos alunos vive uma realidade de letramento digital diferente em relação aos professores. Ainda existem casos de resistência de professores que pouco usam e/ou pouco estimulam os alunos a usarem os recursos tecnológicos aplicados ao ensino por falta de preparo ou medo de não saber utilizar as ferramentas digitais disponíveis. Estes, na maioria das vezes, passam por dificuldades, pois não conseguem atender as expectativas dos jovens, tampouco conseguem idealizar estas ferramentas como meios para a promoção do ensino, mas apenas para uso instrumental.

O professor como imigrante digital, precisa encarar a nova realidade e se ajustar à ela. Às vezes, professores são ajudados pelos alunos quando fazem uso de equipamentos mais modernos ou aplicativos novos. Aí se percebe que, na maioria das vezes, os alunos dominam muito mais os recursos tecnológicos do que os professores. Este é um desafio que precisa ser encarado e vencido. Isto requer inclusive a abordagem

do letramento digital na própria formação de professores. Falando sobre isso Freitas e Reis (2018) afirmam que:

[...] tratar do letramento digital nos processos formativos para que o professor saiba responder às demandas que esse novo fazer pedagógico exige, torna-se fundamental, principalmente, por envolver recursos tecnológicos como ferramenta no processo ensino-aprendizagem (FREITAS; REIS, 2018, p. 02).

É o momento de os professores – que ainda não o fizeram – despertarem para o seu letramento digital, buscar fazer uso dos recursos tecnológicos, navegar nos ambientes virtuais, interagir com os alunos por meio dos aplicativos e redes sociais, aprender a usar as ferramentas digitais na prática e nas formações continuadas.

Longo e França (2017) destacam que quase sempre os alunos, ao se apropriarem dos conhecimentos tecnológicos, o fazem de maneira incoerente com sua aprendizagem e que o auxílio do professor para guiá-los é de suma importância. Os alunos que acessam a grande biblioteca virtual do hipertexto no ciberespaço precisam de alguém experiente que os orientem a fim de direcioná-los ao conhecimento acadêmico legítimo e à formação cidadã. O letramento digital do professor permite essa façanha, proporciona também um novo olhar sobre sua prática, integrando-o com a realidade dos nativos digitais para que o professor “não seja deixado para trás”, e seja capaz de interagir e aprender ao passo que também media e ensina. O professor criativo e intrépido pode se sair muito bem, pois não tem medo de admitir suas limitações e buscar formação continuada, pedir auxílio aos alunos, aos seus colegas e aprender o que precisa. Também não se intimida em se integrar ao universo e linguajar dos alunos, se aproximando deles para caminharem juntos e construir, transformarem e refletirem sobre o conhecimento.

Os nativos digitais são jovens e quase sempre veem na figura do professor o exemplo que precisam para crescer no universo acadêmico, mas podem também, enxergá-lo como um sujeito inerte que não os acompanha durante o processo de formação. Dessa maneira, Longo e França (2017) destacam que:

O letramento digital se torna cada vez mais relevante dentro do ambiente escolar, porque além da própria capacitação, professor poderá rever seus conceitos metodológicos e conseguirá interagir com mais propriedade com seus alunos no mundo cibernético. Tendo como bagagem também o próprio conhecimento do aluno de uso da rede (p. 5).

Muitos professores compreenderam isso e se integraram perfeitamente ao universo dos nativos digitais, o que certamente rompe com a condição de imigrante

digital. Estes professores mostram que é possível usar os recursos digitais a favor da prática pedagógica de forma eficiente e positiva por professores e alunos.

O professor precisa estar preparado para a realidade dos jovens que estão à frente do seu tempo em termos tecnológicos, os quais muitas vezes confundem a fronteira entre o virtual e o real. Estes impactos advindos do quarto marco do saber devem ser considerados na prática dos professores, pois eles precisam instruir os alunos durante o percurso formativo e guiá-los por caminhos acertados. “A geração Z busca um mundo melhor, se preocupa com sustentabilidade, alimentação orgânica e veganismo” (EMMANUEL, 2020, P. 31). O desafio de ensinar uma geração que pode por si só encontrar o conhecimento, difundi-lo e transformá-lo, que se preocupa com um mundo melhor é real e precisa ser compreendido como um dos papéis do professor no século XXI.

## **2.2 A identidade dos professores frente aos nativos digitais**

A pós-modernidade traz muitas transformações na maneira de agir e interagir dos indivíduos e grupos sociais. A questão da identidade está em voga como uma notável transformação ou mutação. Há claramente uma fragmentação das identidades culturais dos sujeitos que passam a se identificarem com determinados grupos, situações, classes etc. O indivíduo assume diversos papéis, a depender do momento ou do contexto no qual se insere permanente ou temporariamente. É possível observar nos sujeitos diversas identidades igualmente diferentes, a depender do momento ou da situação. Assim, há o momento para ser religioso, profissional, do lar, torcedor de um time de futebol, defensor de uma ideologia, defensor de causas raciais, integrante de determinada classe trabalhadora ou social e muitas outras identidades. A esse respeito, Hall (2002, p. 39) diz que: “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos por outros”.

É na necessidade de ser visto pelos alunos nativos digitais como sujeito da cultura digital, que o professor tem deslocado sua identidade a partir de e para um contexto exterior das constantes e dinâmicas transformações do processo de ensino. A realidade da globalização também contribui para o deslocamento da identidade do

educador, pois ele é diretamente influenciado pelo que contempla externamente. Todos vivem numa grande aldeia global, onde costumes, linguagens, modelos, comportamentos e culturas de outros povos se misturam. “Na medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas às influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (HALL, 2002, p. 74).

No contexto das inovações tecnológicas da sala de aula, em meio ao quarto marco do saber – a popularização da internet que permitiu romper as barreiras geográficas e temporais do conhecimento – a identidade do professor que educa a Geração Z se desloca. Esse deslocamento acontece no sentido de o educador buscar se aproximar dos educandos, pelo fato de às vezes o professor ser visto como imigrante digital por experienciar uma realidade diferenciada da qual estava acostumado há décadas. Ele, então, passa por um processo de adaptação. Não se contenta mais só com o livro, mergulha no hipertexto dos espaços virtuais, que proporcionam experimentar multiculturas do conhecimento e multiletramentos dos mais diversos lugares.

O mundo se tornou uma grande aldeia global, onde todos interagem e compartilham conhecimento. Ao falar de globalização e seus efeitos sobre a identidade dos sujeitos, Hall, (2006) diz que:

Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou transhistóricas (HALL, 2006, p. 87).

É bem verdade que o professor tem acesso aos conhecimentos relativos à cultura, aos métodos e estratégias de outras localidades dentro do seu país e até de outras nacionalidades. Todo esse conhecimento transforma sua personalidade e o ato pedagógico. Quem educa os nativos digitais não se limita ao seu contexto histórico e geográfico, sua identidade se reveste de novos olhares e perspectivas para despertar a atenção do aluno. A identidade do professor tende a se aproximar dos mais jovens. O professor vive novos papéis perante os educandos, ele pode e se inspira em estereótipos de outros professores, de cientistas, de artistas, de youtubers, pois tem, em alguns casos, nestas figuras fonte de inspiração para exercer sua atividade criativa.

O docente, ao deslocar sua identidade natural e local, geralmente consegue desenvolver um trabalho melhor perante uma geração tão dinâmica e criativa. O conhecimento de outras culturas, outros métodos, outros materiais educativos estão

fazendo do professor um ser fragmentado, que desenvolve papéis dentro e fora da sala de aula, papéis estes que o ajudam na sua prática e promovem a interação com os alunos.

O professor vive neste meio e sente a necessidade de acompanhar as transformações que acontecem na sociedade. Antes visto como o principal protagonista do ensino, agora compartilha seu espaço com o hiperletramento digital dos ciberespaços e das relações de cooperação entre os alunos por meio das conexões virtuais. Mudou não apenas a percepção do aluno em relação ao professor, pois este também tem se enxergado como um profissional que precisa se reinventar. Ele não pode mais ser visto como um sujeito segregado dos alunos em razão de uma posição privilegiada na sala de aula, agora precisa deslocar sua identidade para próximo dos alunos, para com eles interagir e indicar caminhos para a construção do conhecimento.

### **2.3 A necessidade de adaptação dos professores à nova realidade**

Assim como muda a sociedade, as gerações e os alunos também mudam. Agora é hora de falar da necessidade de mudança do professor, da necessidade de adaptação aos novos tempos e do trabalho com os nativos digitais da Geração Z. A aula que era dada há cinco anos precisa de um upgrade.

O aluno conectado vive um emaranhado complexo de relações com o meio virtual, com o ambiente real e com as relações interacionistas desenvolvidas entre eles e os professores. O professor precisa transitar neste meio, falar a linguagem dos jovens, entender os emojis, o linguajar dos ambientes virtuais, chats, aplicativos de comunicação. Muitas vezes até precisa interpretar o papel de animador para atrair a atenção dos educandos, às vezes assumindo o papel de educatuber<sup>6</sup>. Mudar sempre foi necessário ao ser humano no decorrer da sua história e com o professor não é diferente. [...] “O viver transcorre constitutivamente como uma história de mudanças estruturais na qual se conserva a congruência entre o ser vivo e o meio e na qual, por conseguinte, o meio muda junto com o organismo que nele está [...]” (MATURANA, 2002, p. 61).

Nesse sentido, adaptar-se ao contexto dos educandos desta geração é algo que cedo ou tarde acontecerá, pois além da necessidade, o ambiente coopera para que a

---

<sup>6</sup> Professores que utilizam canais no Youtube para dar aulas.

Disponível em:< <https://jornalroteirodenoticias.com.br/author/flavio-lima>> Acesso em: 20 dez. 2020.

mudança aconteça, permeada por interações entre os sujeitos e o meio, pois se o ser humano modifica de alguma forma o ambiente em que vive, o ambiente também o modifica para que ambos possam conviver da forma mais harmônica possível.

O caráter ubíquo das tecnologias tem feito com que as pessoas de uma maneira ou outra procurem se ajustar ao uso social das ferramentas digitais. Para os alunos nativos digitais isso não representa problemas, pois eles, de maneira geral, tirando exceções impostas pelas desigualdades sociais, desde o nascimento convivem com o letramento digital. Muitas crianças e adolescentes sequer utilizam manuais de instruções quando iniciam o manuseio de ferramentas ou dispositivos tecnológicos. Esses jovens em grande parte tratam o ambiente virtual como uma extensão da vida real. A esse respeito, Abreu, Eisestein e Estefenon (2013) dizem que,

Esses jovens fazem boa parte do seu dever de casa e, cada vez mais o seu trabalho acadêmico escolar no ambiente do computador. Acessam as aulas, realizam pesquisas online, enviam e recebem deveres de casa e trabalham online em grupos (ABREU; EISESTEIN; ESTEFENON, 2013, apud EMMANUEL, 2020, p. 28).

O professor e os sistemas educacionais se deram conta desta realidade e sabem que o letramento digital é um fato marcante que precisa de atenção, de estudos e novas descobertas. A partir desta realidade, o desafio de ensinar os nativos digitais é um processo no qual o professor vem se consolidando, se reinventando. Contudo, é um processo que requer disposição do professor. Enquanto alguns ainda resistem ao uso das ferramentas digitais, pois não se sentem seguros ou capacitados para operá-las, outros estão perfeitamente imersos na cultura digital, se qualificando e aprimorando seus conhecimentos.

O professor contextualiza sua prática às necessidades dos jovens da Geração Z. Os nativos digitais são muito dinâmicos, se comunicam o tempo todo, buscam se informar e consomem muita informação diariamente (EMMANUEL, 2000). No processo de ensino-aprendizagem se apresentam como proativos; buscam o conhecimento por diversos meios, através da internet e suas ferramentas. Nesse contexto, muitos professores tem evoluído suas práticas, conseguindo desenvolver novas formas de caminhar junto com os alunos, não enxergando as tecnologias digitais como concorrentes, mas como aliadas. Desenvolvem um novo olhar construtivo e positivo, no sentido de aprimoramento da prática e uso dos recursos digitais como meios e não apenas para uso instrumental.

Para isso, eles se aproximam de seus alunos, usando ferramentas que estes utilizam (como as redes sociais), adquirem novos métodos, interpretam personagens, assimilam estratégias usadas em outros contextos, se apropriam de culturas externas à sua comunidade, estudam e usam o que a globalização lhe permite, como a cultura de outros países.

Tudo isso faz parte da prática pedagógica dos professores que educam os nativos digitais. Eles sabem que não podem concorrer com essa nova geração que está muito conectada e tem um reflexo muito rápido em relação ao que acontece no ambiente virtual e real. O professor tornar-se um parceiro dos estudantes para assim conduzi-los ao uso acertado do letramento digital. Toda essa mudança que faz do professor um “camaleão” é parte do seu processo histórico, pois a necessidade exige. De um jeito ou outro, o ambiente “exige” que o professor se adapte ao seu contexto.

O meio transforma o fazer do professor, assim como o professor transforma o meio em que atua. O professor, enquanto organismo vivo e o meio vão mudando juntos, de maneira congruente ao longo da vida (MATURANA, 2002). Este mesmo autor alerta que, caso o organismo não consiga se adaptar à nova realidade, ele deixa de existir. De maneira empírica, é possível observar isso em qualquer contexto ou profissão. Logo, com o professor não é diferente. Se ele não consegue mudar junto com o meio no qual se insere, está fadado ao fracasso. O professor que não encontra meios de interagir adequadamente com seus alunos para lhes transmitir ensinamentos, pode se deparar com aversão por parte dos alunos e isso pode levá-lo, inclusive, a procurar outra profissão. Por isso, é perceptível como o fazer do professor tem mudado, tornando a profissão mais dinâmica e desafiadora na valorosa missão de ensinar uma geração cada vez mais ativa dentro e fora da sala de aula.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para este estudo, foram usados como revisão bibliográfica quatro livros e dois artigos científicos, os quais permitem ter um olhar mais esclarecedor sobre a prática dos professores frente aos alunos nativos digitais da geração Z. Por meio das leituras foi possível constatar mudanças que são necessárias e vem acontecendo na realidade de quem educa essa geração. O estudo tomou como aporte teórico Emmanuel (2020); Hall

(2006); Maturana (2002); Soares e Petarnella (2012); Longo e França (2017) e Freitas e Reis (2018), os quais são esquadrihados a seguir.

### **3.1 Os desafios dos professores dos alunos nativos digitais**

No que se refere aos desafios dos professores dos alunos nativos digitais, foi possível constatar que são muitos. Os professores encaram situações desafiadoras diariamente no contexto da pós-modernidade. Dito isto e indo ao encontro das obras de Emmanuel (2020), Soares e Petarnella (2012) e Freitas e Reis (2018), o desafio começa pela situação do professor como imigrante digital que viveu outros marcos do saber antes da popularização da internet e da quebra geográfica e temporal do hipertexto digital, principalmente por meio do espaço cibernético onde o conhecimento se faz presente, bastando o leitor navegar a sua procura.

Outra questão destacada é o fato de os alunos serem mais atuantes, dinâmicos, estando, muitas vezes, à frente do professor em relação aos conhecimentos que descobrem ou vivenciam por meio da interação com o ambiente virtual e do letramento digital. O professor e os sistemas de ensino, em grande parte, não conseguiram se adequar a tempo – visto que esta adaptação ainda está em andamento – ao contexto de cultura e letramento digitais, o que prejudica a atuação do educador frente a uma sociedade em constantes mudanças e que integra a globalização. Por outro lado é notável que o professor não pode ser um mero aspecto formal na escola. Ele precisa exercer sua função com propriedade, por isso precisa estar alinhado com a realidade de seu tempo, com a realidade da era planetária conectada.

Muitos professores vivem um nível de letramento diferente do vivenciado por seus alunos. Alguns resistem em usar as ferramentas tecnológicas por receio. Outros não se intimidam em aprender, buscar o conhecimento e pedir auxílio aos alunos. Essa é uma situação que vem sendo superada, mas que chama atenção para o fato de que na formação inicial dos professores existe a necessidade de se abordar o letramento digital, para que o professor, ao exercer seu trabalho frente às novas demandas o faça de maneira congruente e alinhada à cultura digital, tendo no aluno um parceiro que pode lhe auxiliar, num processo de cooperação mútua em que ambos ganham.

O professor, ao apropriar-se do letramento digital, tem a oportunidade de guiar os nativos digitais para o sucesso da aprendizagem. Os jovens precisam e veem no

professor a figura que pode lhes orientar a fazer uso das ferramentas digitais e dos ambientes virtuais de forma alinhada com a aprendizagem que precisam para a formação acadêmica. Essa, sem dúvida, é uma necessidade da pós-modernidade.

### **3.2 A nova identidade do professor frente aos nativos digitais**

O contexto em que se apresenta a pós-modernidade traz uma série de mudanças na identidade dos sujeitos e com o professor não é diferente, pois este também se insere no contexto social. Neste afã, tomando por base as reflexões de Hall (2006) é possível ver o professor atual como um sujeito que tem sua identidade fragmentada e deslocada. Ao se reinventar, assume diversos papéis. Na maioria das vezes ele tem a consciência de que precisa acompanhar as novas mudanças introduzidas pela globalização e pelo letramento digital. Sua identidade se desloca de um sujeito que era mais focado em repassar conteúdos para outro que interpreta papéis e se insere nos ambientes virtuais, aquele que busca entender a linguagem dos jovens, que conhece e se inspira em outras culturas e nacionalidades. Ele usa a criatividade para chamar a atenção dos alunos. Em alguns momentos, pode até se inspirar em personagens ou personalidades, interpretando papéis para desenvolver uma aula diferente e conseguir transmitir ensinamentos. A identidade do professor se fragmenta e se desloca no fazer pedagógico, assim como em sua vida social e privada.

Apesar de alguns ainda terem dificuldade com o manuseio das ferramentas digitais, no geral o professor no século XXI não mais se limita aos materiais impressos ou à biblioteca física. Ele usa fontes virtuais de pesquisa e se aproxima dos jovens, pois sabe que esse é o seu autêntico papel, o papel de levar o educando à reflexão, à descoberta e construção de novos saberes. Assim sendo, busca tornar-se parceiro dos alunos, o que tem mudado aspectos de sua identidade cultural na pós-modernidade.

### **3.3 A adaptação do professor ao novo contexto escolar**

A adequação do professor ao contexto é uma constatação. As transformações sociais, a globalização e o uso das tecnologias mudaram radicalmente a dinâmica da sociedade e das aulas. Assim sendo, tomando por base os ensinamentos de Maturana

(2002) é possível afirmar que o professor vem se adequando à geração de alunos com os quais trabalha. Ele percebe essa necessidade e sabe que para se manter atuante na escola precisa se reinventar.

Ora, se um professor está imerso no contexto da Geração Z, ainda que não pertença a tal geração acaba por assimilar conceitos, linguajares e o uso dos recursos disponíveis, seja para uso pessoal, social ou profissional. Ele desenvolve outros modos de agir, apropria-se de conhecimentos científicos, culturais e metodológicos de outras regiões, estados ou até de outras nações. Tudo isso é proporcionado pela globalização e pelo universo da cibercultura que está presente no século XXI.

O professor, enquanto organismo pertencente a uma sociedade, a um contexto histórico e geográfico, precisa acompanhar o curso natural de desenvolvimento cultural e social. É na interação e na linguagem com os outros sujeitos do contexto que o professor se integra à realidade que a ele se apresenta. Os professores, de maneira geral, têm conseguido permanecer diante das mudanças, alguns se adaptam melhor, outros nem tanto, mas aos poucos os que ficam na profissão conseguem desenvolver um bom trabalho, se ajustando sempre que necessário às transformações que a profissão exige. Permanecendo atuantes, conduzem seus alunos na construção dos conhecimentos e os preparam, no que couber, para a sociedade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar e compreender mais sobre a realidade dos professores é de fato inspirador quando se analisa de forma lógica e empírica o paralelo entre o que está escrito nos livros e artigos e a realidade do presente século. Este trabalho possibilitou constatar que os professores, assim como suas práticas, estão mudando no contexto da modernidade tardia, permeada pela tecnologia da informação e comunicação nos espaços escolares e na sociedade. O mundo globalizado dá uma nova dinâmica nas relações entre os sujeitos, entre a educação e a sociedade e entre os professores e alunos. Os educandos da Geração Z fazem parte de maneira natural da globalização e da cultura digital, pois, exceções à parte, são nativos digitais. Vemos que o conhecimento não se restringe mais a espaços geográficos ou históricos, visto que vivemos em uma época na qual o conhecimento está no ciberespaço, em que majoritariamente as pessoas têm

acesso. Este espaço conecta as pessoas, conecta o mundo, tudo se interliga, tem caráter ubíquo.

Nessa “teia” de relações entre os sujeitos e o conhecimento, o professor enfrenta algumas situações que merecem atenção. É possível constatar que há professores que são ou foram imigrantes digitais, que muitas vezes não conseguem acompanhar o ritmo dos alunos que possuem um nível de letramento digital mais aprimorado. A escola em geral não conseguiu se preparar adequadamente para o contexto da popularização das mídias e tecnologias digitais que os nativos digitais estão imersos, exigindo muito mais preparo por parte do professor. Este contexto demonstra a necessidade de a formação inicial ou continuada dos professores contemplarem esta temática como estratégia para a aproximação entre a prática docente e o letramento digital, minimizando a figura do professor imigrante digital. Quando isso ocorre, é notável como o professor consegue se reinventar e ter sucesso no fazer pedagógico.

A identidade do professor muda, fazendo com que ele esteja mais próximo dos alunos jovens e nativos digitais, utilizando caminhos e ferramentas comumente usados pelos estudantes no processo formativo que realizam. O contexto da globalização faz com que o professor assuma vários papéis no exercício da profissão, se apropriando de conhecimentos que anteriormente não era possível. O contexto tecnológico faz o educador sair da zona de conforto, se tornar mais dinâmico, criativo, desenvolvendo novas práticas que o ajudam a orientar os alunos durante a formação.

O ajustamento do professor em relação aos alunos nativos digitais da Geração Z é uma realidade que ainda está em construção, mas que caminha a passos largos. Apesar de algumas limitações e dificuldades e, às vezes, até resistências, o professor surge como um “camaleão” capaz de se reinventar e evoluir. O contexto muda o professor e sua prática. Todas essas reflexões e constatações empíricas e teóricas levam o pesquisador e leitor a refletirem sobre os novos caminhos que a educação trilhará doravante, pensando e repensando nos novos marcos do conhecimento que o futuro reserva para a sociedade do século XXI.

#### REFERÊNCIAS:

EMMANUEL, Simone Parente Cumberow. **Geração Z**. Quem são e como se comportam os jovens nascidos na era digital. Rio de Janeiro, 2020.

FREITAS, Gislaine de; REIS, Marilene Barbosa de Freitas. Letramento Digital e formação Docente: o curso de Pedagogia em Foco. *In: Congresso Internacional de Educação e Tecnologias/ Encontro de Pesquisadores em Educação à Distância*. Disponível em: <<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/355>> Acesso em: 08 out. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, Flávio. **“Educatubers”**: A justificativa para o pagamento das mensalidades. Disponível em: <https://jornalroteirodenoticias.com.br/author/flavio-lima/> Acesso em: 20 dez. 2020.

LONGO, Andréia Messa; FRANÇA, Adriano Chaves de. O desafio dos imigrantes digitais: um breve estudo sobre os estudantes na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da rede municipal de ensino de Naviraí - MS. *In: I Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação*. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/4465/3943>> Acesso em: 08 out. 2020.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução: J. F. Campos fortes. Belo Horizonte, 2002.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2 ed. Rio Grande do Sul, Universidade Feevale, 2013.

SOARES, Eliana Maria do Sacramento; PETARNELLA, Leandro. **Cotidiano Escolar e Tecnologias: Tendências e Perspectivas**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2012.